

JOSÉ SARNEY

**O** Brasil detém uma tendência histórica ao isolamento. Aqui, o que acontece no mundo parece que não acontece. Talvez, na raiz dessa conduta esteja a geografia. Estamos num bolsão, escondidos nesse fundo do Oceano Atlântico, onde não passa nenhum fluxo mundial do poder econômico, político, científico, cultural, militar. Graças a Deus, talvez, e graças a Deus, pela nossa segregação, sejamos a região mais pacífica da face da Terra — diga-se América do Sul. Há 50 anos não temos uma guerra, não temos conflitos de fronteira, de raça, de religião, de fundamentalismos. Portanto, estamos um pouco à margem do debate e reflexão dos problemas de sobrevivência da humanidade.

Mas, por isso mesmo, estamos cada vez mais nos aproximando de um somatório de problemas que vão da economia aos mais graves e mais difíceis, que são os da violência, da pobreza, da miséria, da involução dos padrões de vida. E, pior ainda, da criação de uma mentalidade de que

tudo depende do Estado, e deste deve vir a solução de tudo, e não do trabalho como processo de criação de riqueza. Há a crença arraigada, nascida de um populismo ideológico, de que a melhor qualidade de vida é obra de decretos e do gigantismo do Estado, e não da produção, do "crescimento do bolo", que não se faz de pastéis de vento, mas de investimentos.

A crise que vivemos, de ordem moral, contudo, faz parte de uma nova fase da humanidade. Depois do fim da confrontação ideológica, que chegou às margens de uma guerra nuclear e da destruição da Terra, outros problemas surgiram. As motivações ideológicas afrouxaram os padrões morais. O marxismo-leninismo adotava a tese de que "os fins justificam os meios". Isto em política é terrível, porque os fins podem ser lícitos e ilícitos, a linha que os separa é muito clara, mas ficou muito difusa. Assalto a banco é expropriação, roubar para dar aos pobres é caridade, matar é justificação. Essa filosofia dos "fins" invadiu, também, todos os outros partidos e permeou a atividade política com outros objetivos não confessáveis. As coisas pública e privada, que têm uma linha muito nítida de divisão, passaram a ter uma

fronteira inconsútil.

Leio agora o "La fin d'une époque", de Franz Olivier Giesbert, redator-chefe do "Le Figaro", de Paris. Ele aborda a crise de nosso tempo, de natureza ética, que invade todos os países. Desaparecem as motivações ideológicas e nasce um novo credo, um novo anseio de uma sociedade justa, cuja desgraça é atribuída à mais simples de todas as identificações: a incapacidade de resolver os problemas que se acumulam a cada dia. E aí, surge o problema das lideranças políticas. É à sua falência que se atribuem todos os males. O poder político é o mais visível de todos. É ele, perante os olhos da comunidade, o responsável pelo bem e pelo mal. Como só é possível ver o mal, é este obra dos políticos.

As sociedades pós-guerra fria são cruéis com os políticos no mundo inteiro. Elas estão em crise, são carnívoras e pedem sangue. Esse processo passa pela imprensa e por todos os meios de informação. Junte-se a isso a força destes veículos, não mais o quarto poder, mas o poder paralelo que decide, orienta, julga. Acrescenta-se a este poder, o poder econômico, os grandes volumes de recursos que circulam pela informação, hoje, uma das principais vertentes do

mundo dos negócios.

Ninguém julgue que estamos isolados nesse redemoinho. O processo é mundial, tendo como exemplos mais claros, a Itália, o Japão, a França, os Estados Unidos e a China.

São estes instantes, diz Olivier Giesbert, "La terre de Robespierre". São contrações que temos de passar e significam épocas de grandes mudanças. Purificadoras, cruéis, muitas vezes cheias de injustiças, mas inexoráveis passagens da História. Uma nova geração de líderes virá. Ela continuará a história do homem na busca da angústia eterna da humanidade: resolver os problemas da desgraça e da condição humana.

Os religiosos verão a luta contra o pecado, os ateus, a podridão dos costumes. No fundo, a mesma coisa, com uma diferença. Para os que têm fé e acreditam em Deus, esse homem maldito, criado à sua imagem, tem salvação, para os outros não. Para estes, só o fogo eterno, a perdição, o inferno. O grande enigma é saber se sem o homem, senhor do seu destino e da sua vontade, a Terra teria sentido para Deus.

E, como pensava Glauber Rocha, Deus e o Diabo na terra do sol.

José Sarney, é senador pelo Amapá.